

HEGEMONIA, USO MIDIÁTICO, SUBORDINAÇÃO E RESISTÊNCIA: UM DIÁLOGO MILTONIANO COM A MÚSICA ALFORRIA DA BANDA FORFUN

HEGEMONY, USE OF MEDIA, SUBORDINATION AND RESISTANCE: A MILTONIAN DIALOGUE WITH THE FORFUN BAND'S SONG ALFORRIA

HEGEMONÍA, USO DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN, SUBORDINACIÓN Y RESISTENCIA: UN DIÁLOGO MILTONIANO CON LA CANCIÓN ALFORRIA DE FORFUN BAND

Natanael Silva Ribeiro

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

E-mail: natan_n2@hotmail.com

RESUMO

O estudo da geografia com a música não é algo novo, e partindo dessa afirmação o objetivo deste artigo é contribuir na/para discussão dentro do potencial de interlocuções e assimilação por meio da cultura musical, a partir de uma análise da letra da música "Alforria" da banda Forfun, em um diálogo miltoniano bastante denso, em relação à globalização, as formas de poder e controle dos atores hegemônicos por meio das técnicas midiáticas contemporâneas sob parte da população. Contudo, em contrapartida, contextualizar a apropriação das técnicas midiáticas pelos povos "de baixo", como forma de resistência, organização e luta, dentro dos espaços e regiões, proporcionando o encontro das ideias e ideais, o que pode contribuir para a construção de um mundo melhor, um mundo menos desigual. Desta maneira, o presente trabalho é elaborado através de uma revisão bibliográfica, visando estruturar base para alcançar os objetivos traçados.

PALAVRAS-CHAVE: ações hegemônicas; Milton Santos; Geografia; canção; cultura.

ABSTRACT

The study of geography with music is not something new, and based on this statement the objective of this article is to contribute in/for discussion within the potential of interlocutions and assimilation through musical culture, from an analysis of the lyrics of the song "Alforria" by the band Forfun, in a very dense Miltonian dialogue, in relation to globalization, the forms of power and control of hegemonic actors through contemporary media techniques on part of the population. However, on the other hand, to contextualize the appropriation of media techniques by the people "from below", as a form of resistance, organization, and struggle, within the spaces and regions, providing the meeting of ideas and ideals, which can contribute to the construction of a better world, a less unequal world. In this way, the present work is elaborated through a bibliographical review, aiming to structure the basis for reaching the objectives.

KEYWORDS: hegemonic actions; Milton Santos; Geography; song; culture.

RESUMEN

El estudio de la geografía con la música no es algo nuevo, y en base a esta afirmación el objetivo de este artículo es contribuir en/para la discusión dentro del potencial de las interlocuciones y la asimilación a través de la cultura musical, a partir de un análisis de la letra de la canción "Alforria" de la banda Forfun, en un diálogo miltoniano muy denso, en relación con la globalización, las formas de poder y control de los actores hegemónicos a través de las técnicas mediáticas contemporáneas bajo parte de la población. Pero, por otro lado, contextualizar la apropiación de las técnicas mediáticas por parte de la gente "de abajo", como forma de resistencia, organización y lucha, dentro de los espacios y regiones, propiciando el encuentro de ideas e ideales, que puedan contribuir a la construcción de un mundo mejor, un mundo menos desigual. De esta forma, el presente trabajo se elabora a través de una revisión bibliográfica, buscando estructurar las bases para alcanzar los objetivos.

PALABRAS-CLAVE: acciones hegemónicas; Milton Santos; Geografía; canción; cultura.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos que utilizam elementos musicais como objeto de pesquisa, apresentam-se de forma variada e continua no Brasil. Para Fuini (2016), os variados elementos musicais podem ser utilizados como objeto na pesquisa geográfica, especialmente, em abordagens sócio-espaciais. No âmbito das ciências geográficas, o estudo da cultura musical em junção com a geografia não se apresenta como algo novo. De acordo com Panitz (2012), já faz algum tempo que a música vem despertando um interesse crescente na geografia, e que a ligação da geografia moderna e a expressão musical podem ser atribuídas a Ratzel e Frobenius¹.

O interesse pelo tema de geografia e música se tornou mais recorrente, dentro dos últimos 30 anos, proporcionando grande contribuição para a geografia, especialmente, acerca desse tema. As diversas produções acadêmicas relacionadas a geografia e música existentes originam-se em diversas espacialidades, como Estados Unidos, França, Inglaterra e Brasil, onde se acumulam uma vasta gama de produção acadêmica (PANITZ, 2021).

As músicas possuem um grande potencial para abordar/retratar a realidade através da sua letra, de maneira que nos leva a refletir e criticar tal realidade. Simultaneamente, as músicas podem, também, sugerir mudanças para essa mesma realidade. Segundo Pereira (2016b, p. 354), “a música é portadora de sentido e revela um mundo”. No Brasil, a cultura musical teve notória influência no período da ditadura militar na década de 1960. Nesse período, artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque, Elis Regina e muitos outros, tiveram que se expressar “entre linhas”, com letras subentendidas², contra o rígido sistema vigente da época, pois não tinham a liberdade total de expressão.

Os artistas lutaram de diversas formas contra a ditadura militar. De acordo com Costa e Sergl (2007), buscando o enfretamento ao regime, algumas pessoas o afrontavam diretamente questionando e criticando a realidade, e outros utilizavam do recurso da linguagem para passar mensagens por meio das canções, de maneira subliminar, subentendida. Por exemplo, pode-se citar a música “Cálice”, composta por Chico Buarque e Gilberto Gil.

¹ Frobenius, sendo discípulo de Ratzel, foi quem levou a sua pesquisa adiante. Por meio dela conseguiu desenvolver a noção de círculos culturais, através da relação de similaridades entre instrumentos musicais, e partindo de um estudo da distribuição espacial desses instrumentos, possibilitou estabelecer regionalizações referentes aos ciclos de difusão de etnias na África (PANITZ, 2012).

² Segundo Moraes (2000, p. 204) “[...] a canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação”.

Pereira (2016b) aborda o tema geografia e música através das canções de Chico Buarque, com isso, enfatiza que as letras das canções desse artista conseguem alcançar a realidade por meio da linguagem poética, e assim revelar as geográficas de mundo. A cultura, de maneira geral, pode proporcionar formas de abstrair e absorver elementos que nos fazem refletir sobre a realidade vivenciada. Para Oliveira (2022), quando se trata de uma formação integral do indivíduo, a cultura é elemento importantíssimo desse processo, e assim, a caracteriza como irmã gêmea da educação. No caso da música a formas de reflexões, abstração, absorção, (des)construção e reconstrução da realidade possui uma grande potencialidade para isso, pois, “a experiência de mundo-lugar está ligada à forma como se percebe o mundo a partir das geografias de mundo [...]” (PEREIRA, 2016b, p. 354).

Por tanto, neste trabalho, pretende-se evidenciar por meio de uma análise as interlocuções e assimilações da letra da canção “Alforria” com a geografia, a partir de uma densa imersão à obra miltoniana “Por uma outra globalização”, lançada nos anos 2000 pela editora Record e, com isso, elaborar abordagens parciais da realidade sócio-espacial contemporânea no âmbito das ações hegemônicas, das utilizações dos meios midiáticos para alcançar interesses particulares desses atores. Logo, também, em contrapartida, contextualizar a utilização das técnicas midiáticas pelas minorias, os movimentos sociais, dentro do contexto atual.

Contudo, ainda, torna-se viável sinalizar que a análise da letra proporcionou uma extensa discussão acerca de diversos aspectos da realidade sócio-espacial, possibilitando, estruturá-la em duas etapas. Onde uma das etapas compõe, como capítulo, a obra “Debates em educação: superando limites, abrindo horizontes, construindo caminhos”, lançada em 2022. O capítulo traz reverberações sobre globalização, política e desigualdade.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho possui como objetivo principal analisar a letra da música “Alforria” e, por meio de levantamento bibliográfico, principalmente, miltoniano realizando interlocuções e assimilações de elementos que constituem a realidade sócio-espacial contemporânea. Ademais, abordar sobre a construção ideológica e relação de poder no âmbito das ações hegemônicas, da utilização midiática, e do controle sob uma parcela da população. Em contrapartida, contextualizar, também, o uso e a apropriação das técnicas de informações pelos grupos minorizados como forma de resistência no mundo globalizado.

Esta abordagem é elaborada através da análise da letra³ “Alforria”⁴, da banda Forfun⁵, utilizando, somente, a 1ª e 2ª estrofe, mais o primeiro refrão com as partes 1 e 2. Ou seja, trabalhamos com a letra da canção de forma fragmentada. Essa análise parte, essencialmente, de um diálogo da música com a obra miltoniana, “Por uma outra globalização”, junto a diversos autores igualmente relevantes para a análise e discussão.

Diante do que se objetiva neste trabalho, esta análise se constitui dentro de uma perspectiva multidisciplinar, mas principalmente geográfica. Apesar de se elaborar uma análise parcial da letra da música, sendo apenas a sua primeira metade, acredita-se que trará uma discussão e abordagem satisfatória.

Destarte, iniciamos a análise das estrofes, sendo: 1ª estrofe; 2ª estrofe; 1º refrão com as partes 1 e 2. Na tentativa de elaborar uma análise mais didática e de fácil compreensão, indicamos e grifamos em *itálico* e sublinhado a parte que estará sendo analisada.

3. ALFORRIA: LEITURA E ANÁLISE

Dos países que compõem a Ibero-América, o Brasil se destaca na produção da temática de geografia e música (PANITZ, 2012). Esses trabalhos são expressos dentro dos mais variados estilos musicais que integram a realidade sociocultural brasileira. Segundo Napolitano (2002), o Brasil é uma das grandes usinas sonoras do mundo e, por esta razão, aponta-o como lugar para ouvir e pensar a música, pois, como assevera Pereira (2016a, p. 97) “vivemos e nos relacionamos com um mundo cheio de significados”. Para Corrêa (1998), as músicas são expressões culturais, possuidoras de dimensão espacial, pois foram criadas dentro de determinado contexto espaço-temporal e em diversos casos abordam sobre as características sócio-espaciais. Com isso, diante desses apontamentos, iniciamos a análise da letra da canção para abordagem e contextualização da realidade sócio-espacial contemporânea.

1ª estrofe

“Adestrado e condicionado
O potencial racional foi sabotado

³ Procurando compactar o trabalho, sabendo da importância para situar o leitor na canção e ainda possibilitando-o conhecer e verificar a criticidade existente na letra em questão em sua totalidade segue o link para acesso e visualização: <https://www.letras.mus.br/forfun/alforria/>

⁴ Música do álbum “Nu” lançado em 2014 pela gravadora Desk Disk. Autoria de: Danilo Cutrim / Nicolas Christ / Rodrigo Costa / Vitor Isensee.

⁵ Forfun foi uma banda de rock do Rio de Janeiro, formada em 2001 por Danilo Cutrim, Nicolas Christ, Rodrigo Costa e Vitor Isensee. Essa anunciou o fim das suas atividades em seus perfis das redes sociais em 9 de junho de 2015.

Um rebanho cego segue sem pensar”.

A 1ª estrofe se inicia e finaliza apontando que o cidadão é “treinado” para seguir sem questionar, e deixa subentendido na segunda linha que a capacidade racional foi prejudicada. Então, podem-se levantar dois pontos. O primeiro está relacionado ao controle sobre a população, já o segundo, a uma “sabotagem” no potencial racional. Assim, é possível observar que os pontos nesse trecho da letra se complementam, tendo em vista que um oferece suporte ao outro. Pois, a “sabotagem” do potencial racional possui, intrinsecamente, a finalidade de submissão, conduzindo a não-criticidade da população ao reger, de tal modo, para que os questionamentos sejam minimamente abordados ou até mesmo não sejam levantados. Com a possibilidade de êxito da não-criticidade, poderá elevar a eficiência do controle sobre a população. Com isso, observa-se que o segundo ponto cria auxílio para o primeiro, logo nos remete ao sucateamento dos serviços públicos, em especial, para o caso o sucateamento da educação pública. Segundo Santos (2000), a globalização se apresenta como grande produtora de perversidade para a maior parte da humanidade, e não ter acesso à educação de qualidade faz parte da produção perversa. Toda estrutura educacional, em âmbito nacional, em sua competência e extensão, para um governo totalitário, torna-se a principal arma de alienação (PRANDI *et al.*, 2015).

2ª estrofe

“Entretido, lobotomizado
A televisão toma todo o seu tempo vago
Atado e enclausurado no mesmo lugar”.

Seguindo, a 2ª estrofe aponta um dos aparatos tecnológicos, a televisão, que é utilizada para entreter, ou seja, um aparato utilizado para manter os cidadãos sob controle, entretidos, por meio de suas programações televisivas. Assim, reafirma boa parte do primeiro apontamento, do que é cantado na 1ª estrofe, e levanta mais uma possibilidade, o uso e poder da mídia. “O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde” (SANTOS, 2000, p. 20). O fato de que a informação chega à população pelos meios de comunicação, por trás de suas grandes produções, não garante a sua veracidade, e talvez, enviesada, pode estar cumprindo outra finalidade. Não sendo de forma generalizada, mas, como uma técnica que possui este potencial pois, por exemplo, a televisão está presente na maioria dos lares do Brasil. Segundo Benício (2020), a televisão possui grande influência e se encontra aproximadamente em 71 milhões de imóveis, que equivale a um percentual de 97% dos

domicílios brasileiros. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018), em 96,4% dos domicílios pesquisados havia aparelhos de televisão.

1º refrão - parte 1

“Eles impõem a verdade absoluta
E se você refuta, a resposta vem com força bruta
Um plano muito bem arquitetado
Relação estreita de empreiteiras e Estado”.

Então, inicia-se a análise da 1ª parte do refrão. Assim, pode-se perceber que há uma força hegemônica que se encontra numa relação pessoal ou de “amizade” com o Estado, que articula e trama uma realidade fantasiosa e dessa forma impõe a sua verdade, elaborada de forma a não ser questionada, constituindo-se em “um plano muito bem arquitetado”, como é cantado na música.

Quando o sistema político formado pelos governos e pelas empresas utiliza os sistemas técnicos contemporâneos e seu imaginário para produzir a atual globalização, aponta-nos para formas de relações econômicas implacáveis, que não aceitam discussão e exigem obediência imediata, sem a qual os atores são expulsos da cena ou permanecem escravos de uma lógica indispensável ao funcionamento do sistema como um todo (SANTOS, 2000).

Apropriando-se das técnicas disponíveis, não somente, mas também, de um discurso capitalista-neoliberal, pactuado entre forças hegemônicas, conduzem para “criação” do mundo globalizado perverso que diante das imposições elaboradas por essa “aliança” da hegemonia, torna o ser humano submisso, não apenas com a exploração da sua força, mas também, como consumidor. Primeiramente, Harvey (1998) sugere a observação da globalização como um processo, pois, desde o início faz parte do desenvolvimento capitalista, e a dimensão geográfica espacial possui um importantíssimo papel na acumulação de capital. Para isso, baseando-se em Marx e Engels, Harvey (1998) ainda destaca a necessidade da expansão contínua do mercado, que invade todo o globo, explora e cria novas necessidades de consumo de produtos, não somente nacionais, mas também, dos mais variados e longínquos locais do planeta.

1º refrão - parte 2

“Verás que um filho teu não é uma puta
E a sua conduta não coloca os seus valores em disputa
Verás que o teu povo não é bobo
Em pele do cordeiro se esconde o velho lobo”

Agora a segunda parte. É aqui que a música traz em destaque a potência do poder da conjuntura populacional. Então, utilizando-se, com similaridade ao verso do hino nacional brasileiro “Verás que um filho teu não foge à luta”⁶, na primeira linha é exposto, possivelmente, como forma de indignação pelo que é imposto ao povo. Por exemplo, as mazelas enfrentadas pela grande maioria da população em vários âmbitos. Enquanto, na segunda linha, pode-se relacionar essa conduta, apontada na letra, com as manifestações de luta por direitos. Em meio a esses movimentos, os valores econômicos não são o foco de disputa, mas sim, o bem comum.

Conseguir perceber que pode haver mudança no que se refere à ação do povo é um fator importante para essas lutas. Para Harvey (1998), o imperativo “[...] trabalhadores de todos os países, uni-vos” nasce de uma análise precisa da globalização, como condição indispensável para a revolução. Nesse âmbito, “A visão de uma nova horizontalidade na luta dos oprimidos contra a verticalidade dos opressores é comovedora e estimulante, já que conduz a uma nova utopia”, aponta Tavares (2006, p. 3).

Os autores produzem um sincronismo poético que o povo não é bobo e que pode lutar. Aqui, reiteramos, deve lutar! Mas, no entanto, considerando que o trecho da última linha pode ser uma referência à fábula “o lobo velho”⁷, possivelmente, indica e ressalta que a luta continua, mas de forma inteligente e cautelosa, para que o algoz não consiga enganar e vencer. Assim, então, “[...] estaríamos na aurora de uma nova era, em que a população, isto é, as pessoas constituiriam sua principal preocupação, um verdadeiro período popular da história” (SANTOS, 2000, p. 59). Com isso, levanta-se a possibilidade do debate sobre a “ascensão” popular, na busca e na luta, da (re)estruturação das coisas para (re)construção de um mundo melhor.

4. AÇÃO HEGEMÔNICA, USO DA MÍDIA E CONTROLE SOB A POPULAÇÃO

“[...] entretido, lobotomizado”.
(FORFUN, 2014)

Uma das principais forças, senão a principal, da construção do mundo em que vivemos e vemos hoje são as ações hegemônicas⁸. Essas ações são cheias de intencionalidades e finalidades, que não se restringem apenas nas formatações que adaptam a realidade para a produção de um

⁶ Verso do hino nacional brasileiro cantado na segunda parte, na quinta estrofe, na segunda linha.

⁷ Fábula de Monteiro Lobato, do livro infantil *Fábulas* lançado em 1922.

⁸ “O termo hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa ‘conduzir’, ‘ser guia’, ‘ser líder’, ou também do verbo *eghemoneuo*, que significa ‘ser guia’, ‘preceder’, ‘conduzir’, e do qual deriva ‘estar à frente’, ‘comandar’, ‘ser o senhor’” (GRUPPI, 1978, p. 1 apud ONOFRE, 2019, p. 44).

mundo de fantasia, mas também, moldam o estilo de vida social e moral, impondo o que pode ou não ser feito, o que é verdade ou não, o certo e o errado.

Para Milton Santos (2000, p. 25), “[...] antes, era corrente discutir-se a respeito da oposição entre o que era real e o que não era; entre o erro e o acerto; o erro e a verdade; a essência e a aparência. Hoje, essa discussão talvez não tenha sequer cabimento, porque a ideologia se torna real e está presente como realidade”. A produção de um mundo perverso, mas fantasiado, proporciona, exponencialmente, também a capacidade da confusão, a morte da verdade, que permite inserir, digamos assim, o cidadão para dentro da ideologia hegemônica do mundo fantasiado, onde o incapacita de questionar, reprimindo o olhar crítico sobre a percepção do mundo, como realmente é: perverso. Pois, “[...] a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos” (SANTOS, 2000, p. 23).

A articulação, organização e fluidez desse processo sistêmico se tornou possível devido ao progresso técnico e científico, que possibilitou a mundialização (SANTOS, 2000), ou seja, diga-se que há o “alcance global”, onde os atores que detiveram o acesso a essa nova família de técnicas, de maneira mais rápida, ou de forma exclusiva, propagam suas ideologias, suas modas, costumes e valores de forma sistêmica. “Portanto, temos aqui, a hegemonia entendida não apenas como direção política, mas também como direção moral, cultural, ideológica” (GRUPPI, 1978, p. 11 apud ONOFRE, 2019, p. 44). Mas quem são os executores dessas ações? Quem são os seus beneficiários? Milton Santos (2000) os denomina de “Atores Hegemônicos”, esses são os que detêm o capital e a técnica de forma mais rápida ou até mesmo exclusiva, criam e se apropriam dos meios de comunicação e, assim, produzem e ditam uma realidade a seu favor.

Dentro desse mundo fantasiado, e necessário à sua perversidade, uma das suas grandes imposições está relacionada direta e indiretamente na busca pelo dinheiro, colocando-o nesta realidade como o centro de tudo, e isso o torna despótico, transforma-o na grande supremacia da atualidade. “Em tais condições, instalam-se a competitividade, o salve-se-quem-puder, à volta ao canibalismo, à supressão da solidariedade, acumulando dificuldades para um convívio social saudável e para o exercício da democracia” (SANTOS, 2000, p. 27). Com a competitividade entre as pessoas, começam a romper os reais laços de humanidade, e a busca pelo dinheiro, o acúmulo de riquezas para alcançar padrões e obter status dentro de uma sociedade globalizada e perversa,

torna-se o principal foco de quem a vive, também cabe aos inseridos de forma involuntária, os quais nela sobrevivem.

A partir disso, promove-se a propagação de sentimentos, como egoísmo e narcisismo, que banalizam a competição desenfreada entre as pessoas, que suprime os laços de solidariedade. Com isso, a preeminência das ações hegemônicas no sistema perverso legitima a instalação de ordem entrópica, resultante na produção “natural” da desordem (SANTOS, 2000). Ou seja, através dessas ações, os atores hegemônicos conseguiriam instalar um sistema perverso legítimo, em que as suas ações passam sem serem vistas ou quase que despercebidas, tornando-os isentos, e transformando as consequências do mundo contemporâneo como algo natural, com isso, fazendo-as parecerem e se tornarem banais.

Baseando-se na sua força de consumo e aquisição a população é dividida; mas, não se limita apenas a essa divisão, pois há várias outras, como raça, gênero e sexualidade. Para Santos (2000), o consumo é transformado em um denominador comum para os indivíduos, e a globalização impõe uma nova noção de riqueza, prosperidade e de equilíbrio econômico, um conceito fundamentado na força do dinheiro em estado puro, que faz com que as economias nacionais se adaptem às formas de consumo. Essa maneira de viver inserida em um mundo cheio de desigualdade, mas tida como corriqueira, vai fomentar ainda mais a competitividade e, como consequência, deixa para trás a capacidade de se importar com o próximo.

Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão. É certo que no Brasil tal oposição é menos sentida, porque em nosso país jamais houve a figura do cidadão. As classes chamadas superiores, incluindo as classes médias, jamais quiseram ser cidadãos; os pobres jamais puderam ser cidadãos. As classes médias foram condicionadas a apenas querer privilégios e não direitos (SANTOS, 2000, p. 25).

Mas para que todas as ideias produzidas pelas ações hegemônicas consigam ter um alcance significativo, elas não seguem sozinhas, contam com um conjunto de técnicas que contêm um poder de alcance gigantesco, em escala global. Além disso, é detentora de uma grande velocidade. Esse poder é a mídia⁹. Sua capacidade de abrangência, através da velocidade da

⁹ Quando falamos da mídia estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de “massa” (LIMA, 2004, p. 50).

(des)informação, a torna um elemento essencial para a manutenção da fantasia e da manipulação. Uma ferramenta que contém o discurso de unificação dos povos, em cadeia global. Mas, no fim, a sua utilidade vai além dessa unificação, e tem como finalidade atender interesses particulares dos atores hegemônicos. Para Milton Santos (2000), diante das condições atuais, as técnicas de informação são principalmente utilizadas por alguns poucos atores com função de atender interesses próprios.

De fato, atualmente, temos diversos aparatos que têm como uma de suas funções, dentre várias, a transmissão e compartilhamento de notícias e (des)informações. Antes de abordar o foco principal da informação no mundo globalizado e contemporâneo, apontamos, dentro de uma rápida, mas necessária, contextualização histórica de como essa ferramenta poderosíssima foi visada e alinhada para atender os grandes interesses particulares da hegemonia.

De acordo com o Meteoro Brasil (2019), no século XV, Johannes Gutenberg conseguiu construir a prensa de tipos móveis¹⁰, que possibilitou a impressão de diversos textos. Foi a partir dessa invenção que a produção de livros se tornou mais abundante. Como consequência da utilização dessa técnica, por parte da reforma protestante de Martinho Lutero, houve grande reprodução de exemplares da Bíblia, configurando-se, de maneira não alarmante, numa forma de acumulação, além de propagar a busca da possível riqueza transmitindo a ideia de prosperidade.

Nas investigações weberianas, os princípios éticos que constituem a base do capitalismo são denominados de “espírito”. Esse espírito é encontrado no protestantismo. A exigência da conduta religiosa e vivência espiritual do protestantismo “[...] teria organizado uma maneira de agir religiosa com afinidade à maneira de agir econômica, necessária para a realização de um lucro sistêmico e racional” (CATANI, 1981, p. 14).

Em uma série das 50 coisas que fizeram a economia moderna, Harford (2021) aponta a invenção de Gutenberg. Um dos primeiros trabalhos de impressão de Gutenberg foi a Bíblia. Apesar do trabalho ter sido elogiado pelo líder religioso, ainda era um projeto de grande porte e dificultoso, com isso, classificava-se como “mal negócio”. Mas as polêmicas religiosas se enquadravam como um bom negócio.

Martinho Lutero fazia crítica e gerava debates com a Igreja católica. Lutero traduziu o novo testamento alemão, que foi amplamente impresso, logo, classificou como um extremo ato da graça de Deus, impulsionando o negócio do evangelho. A disputa desencadeou a reforma

¹⁰ Técnica que permite fazer impressão em folhas, ou seja, através de chapas metálicas contendo letras em relevo, besuntada com tinta e pressionada contra uma folha de papel.

protestante e, conseqüentemente, fez com que os impressores acumulassem riquezas (HARFORD, 2021). Desta maneira, levanta-se o seguinte questionamento: “Será que uma revolução desse porte seria possível sem o auxílio da facilidade e velocidade de disseminação de informação que a prensa de tipos móveis representa?” (METEORO BRASIL, 2019, p. 21).

Contudo, isso é apenas o começo. No ano de 1895, os irmãos Lumière apresentam ao público o seu cinematógrafo¹¹, que com o tempo se tornou cultura e se consolidou como mercado. Tempos depois, em 1917, quando estourou a Revolução Russa, o governo bolchevique percebeu o cinema como um importante aparato de propaganda que disseminaria suas ideias e assim tratou de financiá-lo para distribuir suas produções.

Em seguida, o rádio foi a próxima técnica utilizada para propagar as ideologias políticas, mas desta vez para os nazistas. Ao perceberem que a presença do rádio, de forma massiva e simultânea, possibilitaria a difusão dos ideais do regime, “o Estado obrigou os três grandes fabricantes¹² a produzir o mesmíssimo aparelho e fixou seu preço em acessíveis 76 reichsmark” (METEORO BRASIL, 2019, p. 22). Para esse autor, o sucesso do rádio, diga-se assim, foi tão promissor, no regime nazista, que o ministro da comunicação nazista, Joseph Goebbels, comparou-o com o advento da escrita. Ainda que haja desconfiança sobre os dados nazistas, consta que os aparelhos se encontravam em mais de 12 milhões de residências alemãs.

Nessa breve contextualização histórica são citados alguns exemplos de períodos nas quais as técnicas de produção e difusão de notícias e informações acabam sendo utilizadas para propagar ideologias de supremacia e interesses próprios, e como consequência direta, a manipulação.

Atualmente, nos deparamos com um novo sistema de propagação de (des)informação com auxílio da internet, especialmente, através das redes sociais, as quais estão sendo utilizada para a política¹³ e suas politicagens. Esse sistema “atual” é o das *fakenews*, modo que opera na transmissão de notícias falsas a fim de atingir cidadãos que não possuem conhecimento prévio em determinado assunto e com isso sair na frente dos concorrentes. Porcello e Brittes (2018, p. 1) afirmam que “[...] as notícias falsas sempre existiram, porém, agora estamos em uma era de

¹¹ Técnica que inicialmente era visto pelos próprios irmãos como entretenimento e que logo passaria o encanto, mas quando se abriu o mercado cinematográfico, permitiu a outros elaborarem produções diferentes daquelas dos irmãos Lumière.

¹² Telefunken, Blaupunkt e Loewe.

¹³ “[...] a política, nas democracias, é a atividade pública (visível) relativa às coisas públicas (do Estado)” (LIMA, 2004, p. 50).

propagação na qual é possível reproduzir e disseminar informações de forma mais rápida”. Baseando-se nas ideias de Miguel Alsina (2009 apud PORCELLO; BRITTES, 2018, p. 3), aponta-se que as notícias falsas existem, mas nem por isso deixam de ser notícias, então logo, “[...] as *fake news* não são notícias distorcidas, erradas ou mal apuradas. Eles são notícias falsas criadas propositalmente para enganar visando alguma vantagem sobre isso”.

Diante dessa afirmação, pode-se citar um trecho de uma música de Humberto Gessinger¹⁴, que diz: “[...] quem mente antes diz a verdade”¹⁵. Essa onda de *fakenews* que vivenciamos é um modo de manipulação da população, que através dessas notícias falsas, criadas para atingir um propósito, atiçam os medos e a fúria da população em diferentes contextos. A difusão das *fakenews* através das redes sociais vai além dos algoritmos, sistema que por meio das “curtidas” e compartilhamento faz com que determinadas notícias apareçam no *feed* das redes sociais dos usuários e cabe a eles, os usuários, através do seu entendimento ou que pensam que sabem sobre o assunto tratado na notícia, compartilhá-la ou não. Ou seja, “[...] as redes sociais transformaram todos nós, ainda que em escala moderada, em veículos de comunicação” (METEORO BRASIL, 2019, p. 31). Em síntese, a internet, como aparato comunicacional, acentuou o desequilíbrio entre a mentira e a verdade.

De acordo com Santos (2000, p. 22), “[...] a técnica apresenta-se ao homem comum como um mistério e uma banalidade. De fato, a técnica é mais aceita do que compreendida”. Significativa parcela dos usuários das técnicas aparenta desconhecer ou realmente desconhecem a sua grande capacidade e potencialidade. Tudo isso articulado possibilita efetivar uma determinada e bem planejada submissão. Esse (des)conhecimento favorece quem o detém, ou seja, possibilita as ações hegemônicas lobotomizar grande parte das populações. Seguindo as ideias miltonianas, as novas e atualizadas técnicas são criadas ou apropriadas como algo que tenta, e muitas vezes consegue, nos dominar. O sistema de comunicação de massa ou “revolução da informação” possui uma grande força de influência na vida da população, pois causa mudanças significativas no que é tido como necessidade de consumo e, conseqüentemente, de produção (HARVEY, 1998). Para Milton Santos (2000, p. 25):

Até a Segunda Guerra Mundial, tínhamos em torno de nós alguns objetos, os quais comandávamos. Hoje, meio século depois, o que há em torno é uma multidão de objetos, todos ou quase todos querendo nos comandar... E são

¹⁴ Músico, compositor e escritor. Ex-vocalista e líder da banda Engenheiros do Hawaii.

¹⁵ Trecho da música “3ª Do Plural”, do álbum “Surfando Karmas & DNA” (2002).

objetos carregando uma ideologia que lhes é entregue pelos homens do marketing e do design ao serviço do mercado.

Como exemplo dos objetos que conseguem tomar bastante atenção das pessoas, aponta-se a televisão, pois é um dos aparatos tecnológicos mais utilizados para entretenimento e informação. Segundo o portal de notícias G1 (2017), “[...] quase 90% dos brasileiros se informam pela televisão [...] sendo que 63% têm na TV o principal meio de informação”. Esses dados são baseados nas “Pesquisas Brasileiras de Mídia 2016 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira”, que foram divulgados pela secretaria de Comunicação Social do Governo Federal (BRASIL; IBOPE, 2016 apud G1, 2017).

Outra tecnologia bastante utilizada para tais fins é a internet. Uma técnica que contemporaneamente pode ser encontrada em quase todo o mundo. Em uma matéria publicada no site da Organização das Nações Unidas (ONU), através de relatórios da União Internacional de Telecomunicações¹⁶ (UIT) apontam que a cobertura de celular está amplamente disseminada, cujo alcance é de 95% da população global, ou seja, 7 bilhões de pessoas contam pelo menos com a cobertura 2G. E a rede 4G avança rapidamente e já possui uma cobertura global de 53% (ONU, 2019).

[...] a internet, uma revolução recebida com tanto otimismo, uma tecnologia que deveria disseminar o conhecimento e elevar a humanidade ao próximo patamar, tem sido tudo mesmo isso. Todo o potencial do maior aparato de comunicação já criado esbarrou nas limitações de seus usuários e dos operadores dos algoritmos (METEORO BRASIL, 2019, p. 27).

A criação e a evolução das técnicas de disseminação de notícias e informação com alta velocidade possibilitaram a unificação¹⁷ do mundo, a compressão do espaço e, conseqüentemente, a capacidade das ações hegemônicas de ter seu alcance ampliado para a criação de um mundo perverso. “O mundo torna-se unificado – em virtude das novas condições técnicas, bases sólidas para uma ação humana mundializada. Esta, entretanto, impõe-se à maior parte da humanidade como uma globalização perversa” (SANTOS, 2000, p. 19). Com o alcance em

¹⁶ Agência especializada da ONU em telecomunicações.

¹⁷ Para Santos (2000, p. 26), a unificação do planeta, através das técnicas, é uma busca inicialmente do capitalismo e “[...] alicerçada na tirania do dinheiro e da informação”, produz em situações que afetam, por exemplo, as coisas, os homens, comportamentos, lugares e relações, também para a fluidez de mercadoria ou de mão de obra. O que se difere da união que é colocado na obra miltoniana. Onde as populações, utilizando-se dessas mesmas técnicas, possa se unir e se organizar contra as perversidades sistêmicas.

escala global, os atores hegemônicos encontram o aliado perfeito para auxiliar na produção de um mundo de fabulações que se sobrepõe ao mundo perverso – como uma cortina entre o público e show – sob a ótica dos manipulados. Assim, fica evidente que os meios de comunicações em massa possuem influências notáveis, na vida social, na política e no mundo.

Harvey (1998) aponta que em cada tempo as novidades causam as suas impressões, assim como em seu tempo as ferrovias causaram, a televisão e o rádio também tiveram suas notáveis impressões. Para onde queremos chegar é que igualmente às “novidades” do passado, e como parte das técnicas de propagação de notícias e informações na contemporaneidade, a internet, deixa suas notáveis impressões.

Para Guillen Desgualdo (2014, p. 198), a internet é um modelo midiático que rompe as fronteiras territoriais e transnacionais, que está “[...] apta a exercer influência sobre o comportamento humano”. De maneira geral, para essa autora, a mídia possui o poder de influenciar na vida do ser humano, tanto em seu comportamento social, quanto na manipulação de suas escolhas individuais. Isso significa que quando se tem técnicas ao alcance dos atores hegemônicos, eles a utilizam para construir situações a seu favor, forjando um discurso de acordo com o que o sujeito “manipulado” gostaria de ouvir, assim, tendem a causar passividade em uma parcela considerável da população, para que não percebam a manipulação e, com isso, não lutem a favor de seus interesses, pois tornam a ilusão tão real que eles, essa parcela da população, não conseguem mais distinguir o real do abstrato.

Contudo, é a partir dessas e algumas outras premissas que as ações hegemônicas ganham força, vão se apropriando das técnicas disponíveis, elaborando um mundo fantasiado, que em sua face verdadeira é perverso, para conseguir a manipulação do homem, mantendo-o “*entretido e lobotomizado*” e, conseqüentemente, submisso aos senhores detentores do poder, aceitando tudo que lhes é imposto sem questionar, e a sua indignação, quando há, direciona-se contra o seu semelhante e não contra o sistema opressor, por meio da competitividade que se alastrou por toda a sociedade.

5. A UTILIZAÇÃO E FORÇA DA MÍDIA: UMA APROPRIAÇÃO DE RESISTÊNCIA

O processo de globalização disponibiliza as ferramentas necessárias para as aplicações das ações hegemônicas, mas também, proporciona a mesma potencialidade para a produção de uma sociedade melhor (SANTOS, 2000). Em meio às colocações e apontamento, é possível identificar o

otimismo e entusiasmo de Milton Santos em relação às possibilidades da “revanche” dos “de baixo” contra os “de cima”.

De acordo com Castells (2013), o entusiasmo contagia os indivíduos, faz com que se mobilizem para alcançar objetivos. Esse entusiasmo relaciona-se positivamente com a esperança, e essa última, fortemente, projeta o comportamento futuro. Santos (2000) sugere as apropriações das culturas de massa as quais possibilitam a propagação das ideias, seus choques, e a partir desses, a criação de novas ideias e ideais.

Partindo do evento das utilizações das técnicas disponíveis pelos povos “de baixo”, podemos, então, apontar os movimentos sociais frente às técnicas de informações que foram produzidos para atender o clamor do mundo globalizado. Os movimentos sociais formados pelas mais variadas causas e pessoas, cresceram gradativamente, trazendo consigo preocupações e experiências reais, que une as pessoas e agora conectadas ao espaço público da internet, ou ciberespaço, compartilham dores e esperança, desta maneira, organizando-se e formando redes, conseguindo mobilizar milhares de pessoas em mais de 900 cidades em mais de 80 países através desses movimentos e possibilidades (CASTELLS, 2013).

Os movimentos sociais são encarados como forma de organização social para expressar suas demandas com caráter sociopolíticos e culturais (GOHN, 2011). São formados por causa das injustiças sociais (CASTELLS, 2013), devido à acentuação da desigualdade nas últimas três décadas, mobilizando milhares pessoas nos fóruns internacionais (TAVARES; BENTO; MAGALHÃES, 2004).

Sua forma de atuação é bastante variada. Segundo Gohn (2011), contemporaneamente, os principais movimentos sociais além de atuarem em atos de manifestações presenciais, também se utilizam dos meios comunicacionais e de informação, se manifestando e produzindo saberes por meio da comunicabilidade. Não sendo apenas isto, mas também, através da sua atuação em rede “[...] realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas [...], constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social” (GOHN, 2011, p. 336).

A expansão dos movimentos sociais se caracteriza de fato muito importante, possibilitando mais eficácia no auxílio das lutas pelas causas sociais multifacetadas que, necessariamente, precisam de força, visibilidade e entendimento. Por exemplo, podemos apontar o movimento feminista que se fortalece cada dia mais. De acordo com Tavares, Bento e Magalhães (2004), nas ações do movimento feminista pelo mundo, sua luta se faz contra o patriarcado, mas que não

deixa de levantar pautas sobre as demais lutas, como a pobreza e a violência, de forma geral, e, principalmente, contra a mulher. Além do mais, houve a criação do movimento da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), que possui objetivos para além das pautas apontadas anteriormente, mas também estimulam solidariamente os grupos de mulheres como forma de ressignificar. As autoras destacam que esse movimento mobilizou mais de 100 mil mulheres em manifestações por mais de 159 países, nos anos 2000.

Na Amazônia brasileira, os movimentos sociais também se formam como resistência. Por muitas vezes, tratam-se de lutas contra os grandes projetos. Povos, como os indígenas, articulam-se frente aos inúmeros conflitos¹⁸ por território na região¹⁹, pois, aquela região é fonte de grandes recursos naturais e ainda é considerada ponto estratégico.

Milhomens e Gohn (2018) analisam e apontam que os embates enfrentados por movimentos sociais têm seus resultados, mesmo que a luta ainda seja contínua. Na luta desses movimentos algo que é considerado um marco histórico, figura-se na oficialização de seus territórios e a garantia de vários direitos pela Constituição Federal de 1988. Mesmo que atualmente ainda haja embate, há uma rede engajada por atores locais, regionais e internacionais formando uma rede de resistência e luta. Essas redes são identificadas como “redes de mobilização” e estão vinculadas à utilização de técnicas de informação. Ou seja:

Uma ampla composição de grupos e indivíduos que atuam colaborativamente, em um sistema de inter-relação social com capacidade de articulação e rearticulação permanente. Fazendo com que novos repertórios de resistência sejam criados com base na utilização de uma grande mobilização presencial e de uma permanente articulação virtual via ferramentas comunicacionais geradas com a utilização da Internet e da rede mundial de computadores (MILHOMENS; GOHN, 2018, p. 259).

As articulações que podem ser criadas pelos movimentos sociais dentro das redes de mobilizações podem ser também efetivamente realizadas presencialmente. Milhomens e Gohn (2018) destacam uma materialização de uma dessas articulações, sendo a ocupação do canteiro de obras da usina de Belo Monte, no estado do Pará (Brasil), no ano de 2012 e 2013, que levou

¹⁸ As dinâmicas dos conflitos que envolvem os povos indígenas possuem caráter cultural, econômico e de ordem política e o processo de globalização cria novos embates com o Estado, e na Amazônia, esses embates se agravaram com a modernização conservadora (BARBOSA; MESQUITA, 2017).

¹⁹ Na região amazônica concentra a maior parte da população indígena, que no ano de 2010 existiam 430 mil, e assim, constitui-se como maior território indígena do país e muitos dos conflitos envolvem as organizações e movimentos dessa população, que lutam em defesa do seu modo de vida e cultura (MILHOMENS; GOHN, 2018).

200 indígenas a ocupar o canteiro principal de obras da hidrelétrica e, posteriormente, levou, não apenas os indígenas, mas também, trabalhadores rurais e urbanos, ribeirinhos, outros movimentos sociais, acontecimento que teve grande repercussão midiática. Esses são alguns dos exemplos em que as técnicas são utilizadas pelos movimentos sociais, dos povos de baixo, que proporciona visibilidade e voz para sua luta.

Assim como os povos indígenas brasileiros, os zapatistas – em grande maioria indígenas mexicanos –, também, possuem como um dos objetivos principais a luta por terras (ALKMIN; JESUS, 2013). Pode-se afirmar que os conflitos agrários em Chiapas (México), tornaram-se um dos fatores para o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional²⁰ (EZLN). Os zapatistas passam por um processo de autonomia e territorialidade indígena, organizados em comunidades autônomas, que perduram por mais de 20 anos.

Objetivando ampliar os espaços de atuação política, o movimento zapatista utiliza-se da figura de Emiliano Zapata²¹, com a ideia de mobilização e libertação, forjando uma cultura política de resistência, aceitação das camadas populares e a já citada luta por terras. A apropriação da figura desse ator configura uma ideia que legitima a luta e o discurso; os zapatistas transformaram suas comunidades autônomas em “nós” de um território descontínuo, formando redes que podem se interconectar através de estradas e por meio das técnicas comunicacionais de celulares, rádio e internet (ALKMIN; JESUS, 2013).

“A lógica da dominação introduziu, nas últimas duas décadas, no cenário mundial ‘novas dimensões transnacionais de sofrimento humano e opressão social, mas também criou o potencial para a transnacionalização da resistência’” (SANTOS, 1995, p. 328 apud TAVARES; BENTO; MAGALHÃES, 2004, p. 3). Diante das possibilidades criadas pelo desenvolvimento técnico e científico, nenhum senhor, atores hegemônicos e opressores estão completamente livres de se deparar ou de serem alvos de manifestações, de luta por direitos²². Quando deparamos com a questão que trata de onde se devem começar as lutas, “a resposta é: em toda parte”, assevera Harvey (1998, p. 15), a respeito do descontentamento encontrado em toda parte o globo, contra o sistema capitalista.

²⁰ O Exército Zapatista “[...] se apresenta como movimento político organizado” que, com o tempo, aparenta estar preenchendo o impasse da disputa espacial, em âmbito político e geográfico (ALKMIN; JESUS, 2013, p. 161).

²¹ Um dos líderes da revolução mexicana.

²² Para Bringel (2007), quando grupos e indivíduos começam a obter novos significados e conseguem tornar perceptíveis as estruturas e relações de dominação e apropriação, poder e resistência, fragmentação e integração, com o auxílio das técnicas e mobilizações, os movimentos sociais desafiam a globalização, a incontestabilidade dos saberes hegemônicos, provocam uma conflitividade.

Desta maneira, as ideias podem se encontrar, as técnicas informacionais proporcionam maior proximidade com mundo, as múltiplas vivências e experiências se encontram e colaboram para a renovação do entendimento e da crítica existencial, pelas perspectivas do mundo do presente e também as perspectivas para o mundo do futuro. Assim, “[...] nesse emaranhado de técnicas dentro do qual estamos vivendo, o homem pouco a pouco descobre suas novas forças” (SANTOS, 2000, p.84). Com isso, estaríamos diante do início do que Milton Santos (2000) denomina de verdadeira revanche ou vingança sobre as culturas de massa? Possivelmente.

Um período sucede ao outro, mas não podemos esquecer que os períodos são, também, antecidos e sucedidos por crises, isto é, momentos em que a ordem estabelecida entre as variáveis, mediante uma organização, é comprometida. Torna-se impossível harmonizá-las quando uma dessas variáveis ganha expressão maior e introduz um princípio de desordem (SANTOS, 2000, p. 16).

Portanto, o entusiasmo miltoniano para com essa perspectiva de ruptura da realidade imposta em um mundo globalizado é sempre animador. Santos (2000, p. 38) acredita “[...] que sempre é tempo de corrigir os rumos equivocados e, mesmo num mundo globalizado, fazer triunfar os interesses da nação”. Esse entusiasmo consegue nos fazer crer em novas possibilidades, e então o autor assinala que a semente do entendimento está semeada no seio da sociedade e pode florescer nas atitudes de inconformidade ou talvez rebeldia, crendo no início de uma história universal verdadeiramente humana. Toda essa contextualização enfatiza que há mais de duas décadas do lançamento da obra “Por uma outra globalização”, a abordagem da obra apresenta-se com um tema bastante atual, reflexivo, necessário e ao mesmo tempo entusiasta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da letra musical de “Alforria” em diálogo com a obra miltoniana de “Por uma outra globalização” possibilitou trazer algumas interlocuções com a ciência geográfica. Ainda, como objeto de pesquisa, possibilitou levantar reflexões sobre a realidade do mundo contemporâneo, no âmbito das hegemonias, uso e o poder da mídia e a apropriação das novas técnicas pelos povos de baixo, como forma de resistência.

Diante das abordagens possibilitadas por meio desse diálogo, proporcionou apontar interlocuções sobre o sucateamento dos serviços públicos, em especial, a educação. Além de tratar sobre o mundo perverso, como ele realmente é, e o que seu cenário atual ocasiona, entre

outras, na supressão de humanidade e solidariedade. Não obstante, ressalta-se a força de luta e resistência que é erigida pela população, principalmente, os oprimidos.

As contextualizações realizadas permeiam dentro dessas abordagens supracitadas. No entanto, há algo bastante importante que resulta dessas, que é poder perceber a relevância contemporânea que a obra miltoniana ainda possui após mais de 20 anos de seu lançamento. Longe de querer dizer que obras desse porte precisam ser ou são efêmeras, mas enfatizar a sua importância no meio acadêmico que está sempre se reinventando e se atualizando.

Portanto, apreciar a cultura, potencialmente incitadora do olhar crítico, nos mostra o quão importante ela se faz no cotidiano da sociedade, não apenas para trazer e nos fazer desfrutar de momentos de lazer, mas também, retratar a realidade, ou seja, compreender e observar as mensagens transmitidas através dessa arte pode nos fazer perceber e assimilar bastantes eventos da realidade, que ajudam a dar mais clareza para os acontecimentos em diversos âmbitos. Também, pode nos proporcionar diversas outras visões. Assim, a letra da música de “Alforria” se apresenta como um objeto passível de estudo e análise geográfica, que pode proporcionar reflexões em diversos âmbitos da realidade sócio-espacial contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Fábio Márcio; JESUS, Graziela Menezes de. Territórios autônomos zapatistas: esboços de uma geografia alternativa. **Agrária**, São Paulo, n. 19, p. 158-195, 2013.

BARBOSA, Zulene Muniz; MESQUITA, Uslan Junior de Sousa. Movimentos sociais indígenas em transformação: a estruturação política das lutas étnicas e suas organizações na Amazônia maranhense. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 19, p. 59-85, 2017.

BENÍCIO, Jeff. Em 2020, a TV ainda é mais influente do que a internet. **Terra**, São Paulo, 1 jan. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/em-2020-a-tv-ainda-e-mais-influente-do-que-a-internet,d41a67c71563ca1cecea98db566fd53aby5tdndu.html>. Acesso em: 3 fev. 2021.

BRINGEL, Breno Marqués. O lugar nos movimentos sociais e o lugar da geografia na teoria dos movimentos sociais. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 35-49, jan./jul., 2007.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CATANI, Afrânio Mendes. O capitalismo em geral. In: CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 10-60. (Coleção Primeiros Passos).

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia, literatura e música popular: uma bibliografia. **Espaço e Cultura**, n. 6, p. 59-65, jul./dez. 1998.

COSTA, Carina Gotardelo Ferro da; SERGL, Marcos Júlio. A música na ditadura militar brasileira – Análise da sociedade pela obra de Chico Buarque de Holanda. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, ano I, n. 1, p. 35-40, 2007.

DESGUALDO, Juliana Leandra Maria Nakamura Guillen. Dimensionamento do poder da mídia na sociedade da informação. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade São Judas Tadeu**. São Paulo, n. 2, p. 197-207, 2014.

FORFUN. Alforria. **Letras**, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/forfun/alforria/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

FUINI, Lucas Labigalini. Território e música: um diálogo com a obra de Milton Santos. In: DOZENA, A. (org.). **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 304-323.

G1. TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa. **G1 Economia**, São Paulo, 24 jan. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2020.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, mai./ago., 2011.

HARFORD, Tim. Por que a invenção da imprensa por Gutenberg o levou à ruína? **BBC News Brasil**, São Paulo, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54800478>. Acesso em: 21 fev. 2021.

HARVEY, David. O problema da globalização. **Revista Novos Rumos**, Marília, ano 13, n. 27, p. 8-16, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Uso de internet, televisão e celular no Brasil. **IBGE Educa**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 21 fev. 2021.

LIMA, Venício Arthur de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 61, p. 48-57, mar./maio 2004.

METEORO BRASIL. Antes de tudo, o idiota. In: METEORO BRASIL. **Tudo o que você desaprendeu para virar um idiota**. São Paulo: Planeta, 2019. p. 10-42.

MILHOMENS, Lucas; GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e Amazônia: da ditadura civil-militar aos grandes projetos da atualidade. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 238-270, 2018. (Série 2).

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, Franca, v. 20, n. 39, p. 203-221, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. **Educação, território e desenvolvimento regional**. Porto nacional: C&A Alfa Comunicação, 2022.

ONOFRE, Layane de Souza. **Atores hegemônicos e não hegemônicos**: territorialidades históricas do município de Carambeí – PR. 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Estudo da ONU revela que mundo tem abismo digital de gênero. **ONU News**, 6 nov. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711#:~:text=Atualmente%2C%204%2C1%20bilh%C3%B5es%20de,continuum%20exclu%C3%ADdas%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20online.> Acesso em: 11 jun. 2020.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia da música: um balanço de trinta anos de pesquisa no Brasil. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 50, p. 13-27, jun./dez. 2021.

PANITZ, Lucas Manassi. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Revista Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 1-10, jul./dez. 2012.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. O pensamento geográfico e as aproximações com o humanismo: mundo e lugar nas letras das canções de Chico Buarque. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 95-112, abr., 2016a.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. Um passeio geográfico pelas canções de Chico Buarque. **R. Ra' e Ga**, Curitiba, v. 37, p. 353-384, ago. 2016b.

PORCELLO, Flávio; BRITTES, Francielly. Verdade x Mentira: a ameaça da *fake news* nas eleições de 2018 no Brasil. **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 41., 2018, Joinville. **Anais eletrônicos** [...]. Joinville: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0364-1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

PRANDI, Luiz Roberto; MACHADO, Tatiane Henrique de Sousa; SÁ JR., Luís Irajá Nogueira de; SANTOS, Eduardo dos; SILVA JR., Luiz Rodrigues da; ROCHA, Clarissa Bebendo Barbosa. As mazelas da educação pública no Brasil: do atraso à instrumentalização política do ensino. **EDUCERE - Revista da Educação**. Umuarama, v. 15, n. 2, p. 203-217, jul./dez., 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TAVARES, Manuela; BENTO, Almerinda; MAGALHÃES, Maria José. Feminismos e movimentos sociais em tempos de globalização: o caso da MMM. CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. **Anais eletrônicos** [...]. Coimbra: UC, 2004. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel13/ManuelaTavares_AlmerindaBento_MariaMagalhaes.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

TAVARES, Maria da Conceição. Apresentação. *In*: SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 2-3.

*Artigo recebido em: 22/01/2023.
Aceito para publicação em: 09/06/2023.*